

O compromisso com o ensaio: diálogo entre os ensaios moderno e fronteiriço com a modernidade

Francine Carla de Salles Cunha Rojas
UFMS / Brasil

Edgar César Nolasco
UFMS / Brasil

O pensamento é universal no sentido muito simples de que é um componente de certas espécies de organismos vivos e é local no sentido de que não existe pensamento no vácuo, que pensar (como comer e evacuar, que é também universal para certas espécies de organismos vivos) corresponde a necessidades materiais e locais. Assim, essa concepção de pensamento, ao mesmo tempo local e universal, é uma forma de conceitualizar a partir da perspectiva epistemológica do pensamento liminar, e não da perspectiva da distinção entre corpo e alma (ou mente), onde a “mente” foi apropriada por e para a epistemologia moderna e depois universalizada pelo próprio conceito de razão.

(Mignolo 2020 279 – 280).

Ao negar a inocência da “Modernidade” e ao afirmar a Alteridade do “Outro”, negado antes como vítima culpada, permite “des-cobrir” pela primeira vez a “outra-face” oculta e essencial à “Modernidade”: o mundo periférico colonial, o índio sacrificado, o negro escravizado, a mulher oprimida, a criança e a cultura popular alienadas, etc. (as “vítimas” da “Modernidade”) como vítimas de um ato irracional (como contradição do ideal da própria “Modernidade”).

(Dussel 29).

1. Introdução

Delimitar o que entendo por *modernidade* é essencial para estabelecer as relações comparatistas entre os ensaios biográficos, fronteiriço e moderno, com o conceito e para discorrer sobre as consequências desse vínculo para ambos. Nesse sentido, a *modernidade* sobre a qual falo é aquela proposta por Walter Mignolo em “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política” (2008) e em “Desafios decoloniais hoje” (2017) e por Enrique Dussel em *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas* (2005), o que significa compreender o termo como uma *narrativa de vencedores* (Mignolo, 2008) e como uma proposta que advoga *ser o centro da história mundial* (Dussel, 2005).

A tese que defendo é a de que os ensaios biográficos, fronteiriço e moderno, se relacionam com a *modernidade*. Todavia, o que difere ambas as propostas é como eles se

relacionam e quais são as consequências desse vínculo para ambas. Em síntese, entendo que, enquanto o ensaio biográfico moderno endossa a proposta da modernidade ao se *nutrir* dela, em uma espécie de aliança, o ensaio biográfico fronteiro emerge da experiência da modernidade a partir da exterioridade e, por conseguinte, apresento-o como uma *reação* ao discurso da modernidade. Nesse contexto, como uma *reação*, o ensaio fronteiro é uma alternativa que se volta ao

reservatório de formas de vida e modos de pensamento que têm sido desqualificados pela teologia cristã, a qual, desde o Renascimento, continuou expandindo-se através da filosofia e das ciências seculares, posto que não podemos encontrar o caminho de saída no reservatório da modernidade (Grécia, Roma, Renascimento, Ilustração). Se nos dirigirmos ali, permaneceremos presos à ilusão de que não há outra maneira de pensar, fazer, viver. (Mignolo 2017 17).

No intuito de desenvolver a teorização comparatista biográfica fronteira entre os ensaios, a reflexão encontra-se organizada nos seguintes termos: em um primeiro momento apresentarei o conceito de modernidade como concebido pela teorização descolonial (Mignolo, 2008; Dussel, 2005). Em seguida, dentro do entendimento dessa concepção, discorrerei acerca do que chamo de *tradição ensaística* e sobre sua constituição eurocêntrica. Para tanto meu entendimento de *tradição* provém da Literatura Comparada e encontra em Tania Franco Carvalhal (2003, 2006), Leyla Perrone-Moisés (1982) e Antonio Candido (1996) suas bases. Em suma entendo que o ensaio moderno e a *tradição ensaística* emergem como consequência da modernidade ao mesmo tempo em que a reafirmam. Em seguida e considerando o mesmo conceito de modernidade apresentado anteriormente, refletirei sobre a relação desse com o ensaio fronteiro, em suma discorro sobre como esse emerge da experiência de ser e sentir a modernidade *a partir das feridas coloniais / abertas*.

Dessa forma, o referencial bibliográfico utilizado encontra-se dividido entre críticos e teóricos da Literatura Comparada tais como Antonio Candido (1993), Leyla Perrone-Moisés (1990) e Tania Franco Carvalhal (2003, 2006), e pensadores descoloniais como Enrique Dussel (2005) e Walter Mignolo (2008, 2017, 2020). Do primeiro grupo interessam-me as noções como “semelhanças e diferenças”, visto que entendo ser essa uma prática própria do ensaio moderno e “tradição”, pois o que denomino como *tradição ensaística* é uma prática de escrita de prerrogativa eurocêntrica que, devido a isso, se constitui como *referência* e *modelo* construindo um imaginário no qual a prática de tal gênero textual vincula o/a ensaísta à tradição. No que concerne ao segundo grupo, são essenciais as noções de “modernidade”, dado que o ensaio fronteiro é *uma reação* e *uma resposta* ao

processo civilizatório moderno, e “semelhanças nas diferenças”, visto que tal proposta apresenta a diferença colonial como contraponto a diferença cultural das semelhanças e diferenças, além de se constituir como a *perspectiva* que chancela o ensaio fronteiriço.

Em “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política” (2008), Walter D. Mignolo apresenta uma nova abordagem do conceito de *modernidade*. Não mais entendida como um período histórico do qual não temos a possibilidade de escapar, mas como a *narração* engendrada acerca desse mesmo período e concebida “por aqueles que perceberam que eles eram os reais protagonistas. “Modernidade” era o termo no qual eles espalhavam a visão heróica e triunfante da história que eles estavam ajudando a construir” (Mignolo 2008 316). Em “Desafios decoloniais hoje”, Mignolo complementa sua reflexão sobre o conceito ao apresentá-lo como uma *ficção* do Ocidente (Mignolo, 2017), da qual o eurocentrismo emerge, e como um *relato* de *salvação*, *progresso* e *felicidade* (Mignolo, 2017) “que justifica a violência da colonialidade” (Mignolo 2017 13). Ao entender o conceito como *ficção*, Mignolo propõe como alternativa a tal *ficção* nos naturalizar ao invés de *nos modernizar* (Mignolo, 2017), além de ressaltar que, como narrativa, a modernidade não se encerrou quando acabou determinado período histórico, mas continua afirmando a sua presença.

Por sua vez, no capítulo “Europa, modernidade e eurocentrismo”, presente no livro *A colonialidade do saber: etnocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas* (2005), Enrique Dussel apresenta a *modernidade* em dois sentidos, o primeiro, “um sentido eurocêntrico, provinciano e regional” (Dussel 27), corresponde ao ponto de vista eurocêntrico, em que “A modernidade é uma emancipação, uma ‘saída’ da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano” (Dussel 27). O segundo conceito, que é aquele advogado por Dussel no texto, apresenta a *modernidade* “como determinação fundamental do mundo *moderno* o fato de ser (seus Estados, exércitos, economia, filosofia, etc.) “centro” da História Mundial” (Dussel 27).

Os conceitos propostos por Mignolo e Dussel complementam-se ao ressaltarem o duplo e complexo entendimento da modernidade. Com isso quero dizer que meu entendimento acerca do termo atravessa tanto o discurso desenvolvimentista e progressista, por um lado, e, por outro, a narrativa de vencedores (Mignolo, 2008) e, de acordo com seus próprios termos, ocupa o *centro da história mundial* (Dussel, 2005), de tal forma que *essa dupla face* estará presente até o final da reflexão.

Se apresento, na esteira dos críticos argentinos, o conceito tanto como narrativa que se entende como saída da imaturidade e do atraso quanto como aquilo que procura justificar a violência da colonialidade, é porque a teorização que desenvolvo é uma *reação do corpo* ao primeiro conceito. Em um primeiro momento, interessa-me mais a narrativa progressista, desenvolvimentista e salvífica uma vez que entendo ser dela proveniente o ensaio biográfico moderno, não que pretenda dizer com isso que *todos os ensaios biográficos modernos* endossam tal narrativa, sobretudo quero ressaltar que até o ensaio biográfico moderno que se vê discordando de algum ponto essencial da modernidade tem a sua gênese vinculada a esse projeto. Em jogo, sobressai-se a questão da experiência que, no caso do ensaio moderno, não é a experiência de sentir a colonialidade do ponto de vista daqueles que tiveram suas histórias e vivências narradas por outros.

A fim de discorrer de forma mais profunda acerca dessa relação, é necessário que me atente para a perspectiva comparatista inerente ao ensaio biográfico moderno e a semelhança-e-diferença como *método*, Delimito meu entendimento acerca das semelhanças e diferenças na perspectiva de Walter Mignolo em *Histórias locais / projetos globais*, na obra o crítico argentino informa que a noção de *semelhanças e diferenças* “constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria ideia de civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais, primitivos, subdesenvolvidos, etc)” (Mignolo 2020 270). Em *Flores da escrivainha* (1990), Leyla Perrone-Moisés se vale da definição de Claude Pichois e André-Michel Rosseau, para apresentar a Literatura Comparada como

arte metódica, pela busca de ligações, de analogias, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não, no tempo e no espaço, contanto que eles pertençam a várias línguas ou várias culturas participando de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los. (Pichois; Rosseau *apud* Perrone-Moisés 92).

Em um primeiro momento interessa-me deter na semântica da expressão “arte metódica” e nas implicações derivadas de seu entendimento, uma vez que entendo ser a ideia de “método” cara ao ensaio moderno e, por extensão, à modernidade. Implícita à definição mencionada por Leyla Perrone-Moisés, retomada de Pichois e Rosseau, reside a busca pelas *semelhanças*, ligações e parentescos. De acordo com tal entendimento qual seria o lugar da diferença? E sobre qual diferença falo nos termos e na perspectiva da *arte metódica* e das semelhanças e diferenças?.

Diante da perspectiva moderna, a diferença é sempre cultural e o seu lugar é o do objeto a partir do qual se constrói uma teoria. O método, nesse caso, é o resultado de uma perspectiva de conhecimento em que o *corpo* é entendido como *corpus*, pois aquele, transformado em objeto, em *coisa*, é *apassivado* e submetido à *disciplina*, e sua biografia e história são transformadas em objetos de estudos. Ao calar a *voz* dos corpos, *humanitas* sequestram a *razão* e elegem as semelhanças e diferenças como artifício classificatório em prol de uma única possibilidade de conhecimento. Suprimir as diferenças designando-as como *culturais*, ressaltar as semelhanças e calar os corpos significa que “o silêncio implícito no incorpóreo (tanto individual como social) é, ao mesmo tempo, a tomada de uma posição universal de poder em relação à qual as relações entre os sexos, as hierarquias sociais, as crenças nacionais ou religiosas e os preconceitos étnicos são categorias subalternas” (Mignolo 2020 155).

Explicitada a relação entre modernidade, ensaio biográfico moderno e sua natureza comparatista embasada nas semelhanças e diferenças, passo para o que entendo ser a consequência dessa relação, isto é, a concepção de um imaginário criado em torno do ensaio, que resulta em uma tradição ensaística e na noção de valor. Em seguida, discorrerei acerca do outro lado da experiência da modernidade, o ensaio fronteiriço.

Sob a égide da antropofagia oswaldiana, Perrone-Moisés indica a necessidade de encontrarmos um conceito de tradição (literária) que nos liberte do “rancor da dívida quanto da veleidade da auto-suficiência” (Perrone-Moisés 98). A crítica literária faz tal observação ao reconhecer que, devido ao nosso passado histórico como colônia, somos, à nível cultural, devedores das fontes (europeias) e condenados a influência. Por conseguinte, como assinalado, Perrone-Moisés encontra em Oswald de Andrade a saída para o dilema da dívida, pois percebe no conceito uma abrangência seletiva, uma vez que “Os candidatos à devoração, antes de serem ingeridos, tinham de dar provas de determinadas qualidades, já que os índios acreditavam adquirir as qualidades do devorado. Há, então, na devoração antropofágica como nos processos da intertextualidade” (Perrone-Moisés 96).

Dentro dessa perspectiva, uma nova concepção de tradição deve ser aquela que possibilite a literatura influenciada superar o *rancor da dívida* e a *presunção* de se acreditar como literatura autossuficiente, que não assuma a influência de outras literaturas em seu desenvolvimento. Contudo, implícita ao conceito de tradição, tal como é percebida por Perrone-Moisés, paira o senso de hierarquia, posto que a crítica entende a *ânsia de independência* como a negação do diálogo: “a ânsia de independência, legítima em termos

histórico-políticos, é uma *veleidade provinciana* quando se trata de cultura e de arte. Nenhuma independência nacional é possível ou desejável nesse terreno” (Perrone-Moisés 98).

Pensado nos termos do ensaio biográfico moderno, a tradição consistiria no diálogo com textos ensaísticos, cujas experiências são centradas em lugares específicos, Europa, e escritos em línguas específicas (francês, se pensarmos os *Ensaïos*, de Michel de Montaigne, e inglês ou alemão, se evocarmos os exemplos de Virginia Woolf e Theodor Adorno). Aprofundando-me nessa ideia, proponho que a tradição do ensaísmo biográfico moderno impõe, nas entrelinhas de sua composição, a citação de uma (ou da maioria) de suas obras de maior proeminência como senha de ingresso ao seu universo, assim, o ensaio biográfico produzido nos assim chamados 2º e 3º Mundos seriam então cancelados pelos *parentes* europeus, tal concepção relaciona-se ao sistema *parental* que enverniza a relação Europa – América, a dinâmica dessa relação no interior da tradição ensaística moderna embasa-se na concepção de que “Diversamente da África e da Ásia, a América tornou-se “filha” e “herdeira” da Europa durante o século 18” (Mignolo 2020 134).

Estabelecido o que entendo por tradição do ensaio biográfico moderno, à luz da discussão envolta na tradição literária da Literatura Comparada, passo agora a me deter na ideia de valor estabelecida pela tradição ensaística moderna. Em “Literatura Comparada” presente no livro *Recorte* (1996), Antonio Candido discorre sobre a concepção da Literatura Comparada, enquanto disciplina e método, no Brasil. Do texto de Candido, interessam-me principalmente seus apontamentos acerca do ânimo comparatista brasileiro assinalado quando o crítico reafirmou que estudar Literatura Brasileira é estudar literatura comparada e o “sentimento confortante de parentesco” (Candido 211) proveniente do diálogo com textos estrangeiros. Isso porque tanto o *ânimo comparatista* quanto o confortante sentimento de parentesco remontam ao interior da tradição ensaística moderna e esclarecem que subjaz à questão um olhar hierárquico e colonial derivado de uma característica da crítica brasileira que é a de “a referência ao texto estrangeiro” (Candido 213), como um rito de passagem.

Em síntese, o que argumentei até o momento é que a *modernidade* é o *habitat* do ensaio biográfico moderno por possibilitar condição propícia à existência do gênero textual, por extensão a tradição e o valor dado à menção aos textos estrangeiros são os elementos gerados no seio da modernidade e ditam a dinâmica do ensaio moderno.

A fim de expandir as noções de tradição, valor, modernidade e ensaio, valho-me dos apontamentos de Tania Franco Carvalhal em dois textos: “Sob a égide do cavaleiro errante” (2006) e *O próprio e o alheio* (2003). Em ambos, Carvalhal discute a questão da Literatura Comparada, mas em especial, em um primeiro momento, abordarei o capítulo

“A *weltliteratur* em questão” presente em *O próprio e o alheio* e, em especial, o que a autora escreve sobre a noção de “valor”. Nesse texto, Franco Carvalhal discute sobre a pertinência de se falar em *weltliteratur* após a ocorrência de várias transformações culturais. A autora me lembra que “Se a noção de valor está estreitamente associada à ideia do cânone, para cuja constituição é necessário um processo de seleção por meio de determinados critérios, o estabelecimento de *weltliteratur* depende da adoção de uma determinada perspectiva [...] que norteia as escolhas feitas” (Carvalhal 2003 90)

Evidencio essa passagem, pois ela remete ao que discuti anteriormente sobre o conceito de valor e como ele circunda a tradição ensaística, tal noção auxilia-me também a fazer o trânsito de uma discussão que até então se centrou no ensaio moderno para o ensaio biográfico fronteiriço. Na passagem, Carvalhal ressalta a relação do valor com o cânone e o que permeia essa construção, a adesão de determinada perspectiva que *norteia* as escolhas. No caso do ensaio moderno e de sua tradição (que, como já pontuado, é essencialmente eurocêntrica) os critérios utilizados emergem da experiência de ser, estar e pensar do centro (no caso, refiro-me a experiência permeada pelo eurocentrismo). No que concerne ao ensaio fronteiriço, falo da adoção de uma determinada perspectiva diferente, sendo essa definida pela vivência da modernidade, mas do ponto de vista da exterioridade, daqueles que *sofrem* os legados coloniais e não *vivem, pensam e escrevem* (a partir de uma língua hegemônica) de um centro.

Por sua vez, em “Sob a égide do cavaleiro errante”, a autora evidencia o caráter mais atual da disciplina, refiro-me às “múltiplas orientações teóricas” (Carvalhal 2006 12) que compõem a Literatura Comparada. A abertura teórico-crítica mencionada, por um lado, demonstra o vigor e a renovação do pensamento crítico, e, por outro lado, mostra-me que desse ponto de vista o ensaio moderno começa, ainda que dentro da experiência da modernidade, o abandono ativo e consciente da hierarquia e do valor para uma forma *outra* de pensamento. Endossa minha constatação, uma segunda observação feita por Carvalhal, segundo a qual o comparatismo e a instituição literária “não se restringem ao domínio acadêmico, mas têm função política, de natureza integradora e de interação social” (Carvalhal 2006 12).

Em contraponto à ideia de método moderno e semelhanças e diferenças, Walter Mignolo, em *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonialidad* (2010), apresenta a ideia de um método descolonial ao assinalar que “O pensamento fronteiriço, uma vez mais, é um dos métodos que pode nos ajudar a manter uma visão – pluriversal e não universal – e implementar estratégias para alcança-la”

(Mignolo 2010 103)¹. O método descolonial possibilita-me, portanto, discorrer sobre o ensaio biográfico fronteiriço e sua proposta, dado que se apresenta como “uma terceira opção que não resulta da combinação das existentes, mas consiste em desprender-se delas” (Mignolo 2017 19). Trata-se de uma terceira opção, refiro-me ao ensaio fronteiriço, fundamentada na percepção “bio-gráfica do corpo” (Mignolo 2017 16) que vive, pensa e escreve *a partir da* exterioridade, da fronteira sul. Ainda sobre o método descolonial observo que “o pensamento fronteiriço se converter em um método necessariamente crítico e descolonial nos projetos epistêmicos e políticos, para preencher as brechas e revelar a cumplicidade imperial que vincula a retórica da modernidade com a lógica da colonialidade” (Mignolo 2010 103 – 104)².

Fazem-se necessários alguns apontamentos acerca do emprego do termo “ensaio”, da semântica que o envolve e de como o entendo. Um primeiro sentido evoca o caráter experimental do texto e dos argumentos, posto que o ensaio é algo que não está pronto, um estágio para uma fase final. Um segundo sentido, diz respeito ao ensaio como ação que demanda o corpo e o seu movimento. Não descarto totalmente nenhuma das duas acepções. Construo uma terceira via, de composição descolonial e, por extensão, Fronteiriça, o que significa dizer que o ensaio biográfico fronteiriço é a *teorização* de um corpo em movimento que *fala, pensa, escreve e vive* na fronteira-sul “E descolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias ficções das promessas de progresso e desenvolvimento da que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade” (Mignolo 2017 13).

Retomo o conceito de modernidade, que, na esteira de Walter Mignolo e Enrique Dussel, diz respeito a uma narrativa engendrada, para defender que a tradição ensaística eurocêntrica e o ensaio biográfico fronteiriço relacionam-se com o conceito de modernidade (Mignolo, 2008; Dussel, 2005) de formas diferentes. Em síntese o ensaio moderno advém e reafirma a modernidade enquanto *narrativa dos vencedores* (Mignolo, 2008) e o ensaio biográfico fronteiriço diálogo com o conceito na medida em que pensa os legados coloniais, os quais sofre no *corpo*, a fim de *desprender-se*.

Por fim, percebo ser essencial entender a dinâmica da relação dos dois ensaios com a modernidade sob o crivo da diferença colonial e de máscara moderna, a diferença

¹ No original: “El pensamiento fronteirizo, un vez más, es uno de los métodos que pueden ayudar a desplazarlos hasta sostener una visión – pluriversal y no universal – e implementar estrategias para alcanzarlo.” (Mignolo. *Desobediencia epistémica*, p. 103).

² No original: “el pensamiento fronterizo se convierte en un método necesariamente crítico y descolonial en los proyectos epistémicos y políticos, para colmar las brechas y revelar la complicidad imperial que vincula la retórica de la modernidad con la lógica de la colonialidad.” (Mignolo. *Desobediencia epistémica*, p. 103 – 104).

cultural. A discussão em torno de tais diferenças (colonial e moderna) se estende também aos conceitos de *bios* / *corpos* que subjazem aos ensaios, visto que ambos os textos compreendem o *bios* e os corpos de formas diferentes e, por conseguinte, o modo como tais conceitos existem no interior dos ensaios são igualmente diversas, principalmente por dialogarem com propostas críticas pautadas ou no eurocentrismo ou na teorização biográfico fronteiriça. No caso do ensaio biográfico moderno as percepções de corpo e *bios* apresentam-se sob o crivo do objeto, da *diferença cultural* e da subjetividade, e, por outro lado, o do ensaio fronteiriço, corpo e *bios* compõem a percepção biográfica *a partir da qual* tece-se a teorização descolonial.

© Francine Carla de Salles Cunha Rojas y Edgar César Nolasco

Referências

- Candido, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Impresso.
- Carvalho, Tania F. *O próprio e o alheio*. São Paulo: Editora Unisinos, 2003. Impresso.
- . “Sob a égide do cavaleiro errante”. *REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA*. 11. 8 (2006): 11 – 18. Impresso.
- Dussel, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. Impresso.
- Mignolo, Walter. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. *Cadernos de Letras da UFF*. 34. 1 (2008): 287 – 324. Impresso.
- . *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Edición del Signo, 2010. Impresso.
- . “Desafios decoloniais hoje”. Trad. Marcos de Jesus Oliveira. *Epistemologias do Sul*. 1.1 (2017): 12 – 32. Impresso.
- . *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. Impresso.
- Perrone-Moisés, Leyla. *Flores da escrivainha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Impresso.